

PESQUISADORES NORTE-AMERICANOS E EUROPEUS ELEGEM FILMES BRASILEIROS COMO FOCO DE TRABALHO

A descoberta do cinema brasileiro na Europa e nos Estados Unidos está intimamente atrelada à explosão criativa do Cinema Novo em meados dos anos 1960 e à expansão dos focos de interesse da crítica cinematográfica especializada. Embora alguns filmes – *O cangaceiro* (Lima Barreto, 1953), *O canto do mar* (Alberto Cavalcanti, 1953) e *O pagador de promessas* (Anselmo Duarte, 1962) – já tivessem circulado em festivais como Cannes, na França; Karlovy Vary, na Tchecoslováquia; chamado atenção dos críticos André Bazin e Georges Sadoul; e até recebido indicação ao Oscar – no caso do filme de Duarte –, foram as obras de Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, Ruy Guerra, etc. as primeiras a anunciarem de forma mais expressiva o que estava acontecendo no Brasil em termos de produção fílmica. Foram também as pioneiras na conquista de um olhar mais sistematizado dos críticos.

Além do registro de sua realização e exibição, estes filmes, a exemplo de *Vidas secas* (Nelson Pereira dos Santos, 1963) e *Deus e o diabo na terra do sol* (Glauber Rocha, 1964), ganharam análises mais aprofundadas tanto do ponto de vista dos métodos de produção quanto dos seus valores estéticos e culturais. Nesse contexto, os críticos franceses Louis Marcorelles, da revista *Cahiers du Cinéma*, e Robert Benayoun, da *Positif*, podem ser considerados os primeiros “brasilianistas” do cinema. Com seus artigos e o contato direto com os realizadores brasileiros, eles abriram um pequeno campo de estudo que se consolidou na França nos anos seguintes e chegou também aos Estados Unidos nas décadas de 1970 e 1980. Os dois países, até hoje, são os que apresentam o maior número de estudiosos e publicações sobre o cinema produzido em nosso território.

Na França

O interesse pelo cinema brasileiro por parte dos críticos franceses foi fruto da conjuntura cultural e política da própria França no início dos anos 1960. A crítica francesa, ao eleger o Cinema Novo como paradigma de um cinema de engajamento social e de contraposição ao cinema hegemônico hollywoodiano, supria o vazio deixado pelo fim do neorrealismo italiano e o desgosto com os caminhos ideológicos da *Nouvelle Vague*. Ao mesmo tempo, reaproximava culturalmente os dois países, ligação existente desde o século XIX. Além disso, os filmes brasileiros, construídos a partir de uma linguagem e uma estética ancorada na realidade social e cultural do Brasil, se alinhavam à política dos autores sustentada pela *Cahiers* e ao cinema de ação política defendido pelos críticos da *Positif*. Este modelo de compreensão do cinema brasileiro articulado a partir da onda cinemanovista acabou se cristalizando, e os livros importantes publicados posteriormente refletiram este procedimento. O cineasta mais estudado entre os franceses não poderia deixar de ser Glauber Rocha, o mais impetuoso e original dos realizadores do Cinema Novo e o que melhor interagiu com a crítica especializada. Duas obras se tornaram

BRASILIANISTAS DO CINEMA

referências tendo o autor do manifesto *Estética da fome* como protagonista: Glauber Rocha, de René Gardies, e também o livro de mesmo título, lançado por outra ardente admiradora do Cinema Novo, Sylvie Pierre, em 1987, pela editora da Cahiers du Cinéma.

O fim do movimento cinemanovista e a mudança do foco das atenções da crítica levaram os franceses a se desinteressarem por algum tempo pelo que estava acontecendo no Brasil em termos filmicos, embora livros e artigos publicados sobre os novos cinemas sempre incluíssem referências e análises relacionadas ao Cinema Novo. Com a retomada da produção brasileira em meados dos anos 1990, nosso cinema voltou a circular em festivais e mostras internacionais, e isto, de certa forma, fez os filmes brasileiros despertarem outra vez a atenção de críticos e pesquisadores. Sylvie Pierre, atualmente uma das editoras da revista *Trafic*, abre espaço vez por outra para reflexões sobre a produção brasileira contemporânea. Nos últimos anos houve também um crescimento do intercâmbio entre pesquisadores franceses e brasileiros e professores de universidades francesas, a colhendo doutorandos brasileiros e com eles próprios vindo ao Brasil participar de colóquios e ministrar cursos. Uma dessas pesquisadoras mais atuantes é Sylvie Debs, autora de *Brésil, l'atelier des cinéastes*, de 2002, e *Cinéma et littérature au Brésil. Les mythes du sertão: émergence d'une identité nationale*. Debs estuda o cinema brasileiro desde 1994 e, como muitos pesquisadores estrangeiros, desenvolveu estudos cujo eixo principal recai em aspectos da cultura popular brasileira.

Nos Estados Unidos

Embora encontremos algumas diferenças na abordagem do cinema brasileiro pelos estudiosos franceses e estadunidenses, é curioso observar, nos dois países – e até mesmo além, como veremos mais adiante – a ligação destes pesquisadores, vinculados à academia, com a literatura brasileira, com ela aparecendo inclusive como ponto de partida do seu interesse pelo cinema. Sylvie Debs, por exemplo, foi professora na Universidade de Estrasburgo e, além de empreender investigações em torno do cinema brasileiro, tem vários artigos dedicados aos folhetos de cordel e à literatura popular. Nos Estados Unidos, foi exatamente nos departamentos de línguas e literatura latina das universidades onde surgiu a motivação para a realização de estudos sobre os filmes realizados no Brasil. E ao falarmos de brasilianistas do audiovisual naquele país, dois nomes se destacam: Randal Johnson e Robert Stam. Eles editaram conjuntamente em 1982 o livro *Brazilian cinema*, a primeira obra sobre o assunto da bibliografia estadunidense.

A trajetória de brasilianista de Randal Johnson começou em 1970 quando ele fez pós-graduação em literatura luso-brasileira na Universidade do Texas. Johnson morou no Brasil

ARQUIVO NELSON PEREIRA DOS SANTOS



NÉTUN LIMA / UNIVERSO PRODUÇÃO



Em cima:

Nelson Pereira dos Santos e Sylvie Pierre

Em baixo:

Sylvie Debs

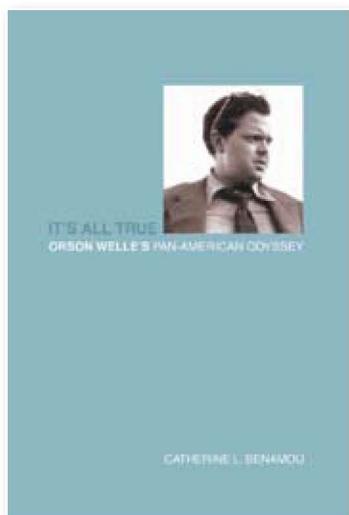
por duas vezes e durante os anos em que viveu aqui assistiu a mais de 200 filmes brasileiros, levando-o a obter uma visão geral do desenvolvimento histórico e estético do cinema brasileiro. Depois de concluída a tese *Literatura e cinema: Macunaíma, do modernismo na literatura ao Cinema Novo*, Johnson expandiu suas pesquisas para o movimento cinemano-vista e em 1984 publicou *Cinema Novo x 5*, com estudos autorais sobre os seus diretores. Naquele momento ele passou a se interessar pelas relações entre cinema e Estado, o que resultou no livro *The film industry in Brazil: culture and the state*. Hoje, como professor do Latin American Institute, da University of California (UCLA), a linha central do trabalho de Johnson é em torno de questões da economia política do cinema. Ele tem se interessado pela dinâmica do campo cinematográfico e suas relações com outros setores da produção audiovisual. Publicou nos Estados Unidos *TV Globo, the MPA and contemporary Brazilian cinema* (2005) e *The Brazilian Retomada and global Hollywood* (2007).

Robert Stam é outro nome incontornável quando falamos de estudos do cinema brasileiro em solo estadunidense. Professor do departamento de Cinema Studies da Tisch School of the Arts da New York University, Stam também ingressou na área de estudos de cinema via literatura com a tese cujo resultado foi o livro *O espetáculo interrompido*, publicado no Brasil em 1981 – um trabalho sobre os procedimentos reflexivos, paródicos e brechtianos da literatura e do cinema a partir dos filmes *A queda* (Ruy Guerra/Nelson Xavier, 1978), *Terra em transe* (Glauber Rocha, 1967) e *Macunaíma* (Joaquim Pedro de Andrade, 1969), analisados ao lado de *A idade do ouro* (Luis Buñuel, 1930) e de vários filmes de Jean-Luc Godard.

Acompanhando a trajetória de Robert Stam e demais pesquisadores de cinema é fácil constatar a importância da França como berço dos estudos de cinema. A iniciativa dos teóricos franceses para equiparar em importância e prestígio os estudos de literatura aos de cinema acabou levando muitos professores do campo literário que gostavam de cinema a dirigirem sua produção para pesquisas envolvendo os dois campos. Stam, neste sentido, é o que podemos definir como um pesquisador transdisciplinar. Seus livros em geral estabelecem relações entre cinema e literatura e cinema e estudos culturais. Uma de suas obras mais importantes é *Multiculturalismo tropical*, lançado no Brasil pela Editora da USP. No livro ele analisa o percurso do cinema brasileiro no tratamento das questões étnicas e raciais a partir de uma minuciosa investigação pelos filmes do cinema silencioso, das chanchadas, das produções da Vera Cruz e do Cinema Novo.

Outros percursos

Além de Johnson e Stam, outros pesquisadores estadunidenses têm se debruçado sobre questões do cinema brasileiro, elegendo para seus estudos pontos mais específicos. Salomé Aguilera Skvirsky, professora do College of Liberal Arts da University of Massachusetts, publicou, em 2011, um interessante artigo no *Journal of Latin American Cultural Studies* intitulado *Quilombo and utopia: the aesthetic of labor in Linduarte Noronha's Aruanda (1960)*. No texto ela discute como o documentário de Noronha introduz a temática dos quilombos no cinema brasileiro. Outro nome conhecido é o de Catherine Benamou, do Film and Media Studies Department, da University of California. Seu trabalho mais difundido é *It's all true:*



Orson Welles's pan-american odyssey, um estudo meticuloso sobre o projeto inacabado de *É tudo verdade*, de Orson Welles, rodado no Brasil e no México. Benamou realiza pesquisas sobre representações de gênero, classe e identidade nacional. Recentemente publicou o artigo *Women filmmakers and citizenship in Brazil, from Bossa Nova to the Retomada*.

Um destaque nas publicações de professores dos Estados Unidos é o livro *Nelson Pereira dos Santos*, de Darlene Sadlier, professora do Department of Spanish and Portuguese, da Indiana University. Especializada em literatura e cultura brasileira e portuguesa, e também em cinema latino-americano, ela dá aulas sobre cinema brasileiro desde a década de 1980. Seu primeiro artigo sobre o assunto foi sobre *Como era gostoso o meu francês* (1971) e, por conta de sua atração por filmes que abordam questões sociais, acabou expandindo a pesquisa que resultou no livro sobre Nelson Pereira dos Santos, o primeiro em inglês a discutir com profundidade a obra de um dos líderes do Cinema Novo. Sadlier publicou ainda *Brazil imagined: 1500 to the present*, com um capítulo dedicado ao cinema. Atualmente está escrevendo um livro sobre a diáspora lusófona na literatura e nas artes, em que vai incluir comentários sobre filmes brasileiros e portugueses.

Mesmo fora da França e dos Estados Unidos, os pesquisadores com interesse em produções cinematográficas brasileiras em geral desenvolvem seus estudos nos departamentos de literatura com linhas direcionadas ao cinema latino-americano. Na Alemanha destaca-se o trabalho da professora Ute Hermanns. Após terminar seu mestrado na Freie Universität Berlin sobre o livro *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, Hermanns viu *Memórias do cárcere* (1984), de Nelson Pereira dos Santos, no Festival Internacional de Cinema de Berlim e decidiu fazer um estudo sobre a influência da literatura no cinema do Brasil. Sua pesquisa resultou no *Schreiben als Ausweg, Filmen als Lösung?: Zur Problematik von Literatur im Film in Brasilien, 1973-1985*, e desde então ela tem publicado artigos variados sobre adaptações literárias para o cinema no Brasil. Atualmente, como professora visitante leitora, coordena as atividades culturais da Casa de Cultura Alemã, em Fortaleza (CE), e estuda filmes que abordam a história do Brasil.

Peter Rist



No Canadá, boa parte das pesquisas integra o cinema brasileiro na cinematografia latino-americana, analisando-o a partir de um contexto institucional e estético que aproxima e promove um diálogo entre os filmes feitos no Brasil e questões mais gerais do contexto político e cultural da América do Sul. Em *South American cinema: a critical filmography 1915 – 1994*, Peter Rist e Timothy Barnard apresentam uma filmografia crítica de aproximadamente 250 filmes de todos os países da América do Sul. Rist é professor da Concorde University e também assina o capítulo dedicado ao Brasil junto com Ana Lopez, da Tulane University. Outra autora a ser destacada na pesquisa canadense é Zuzana Pick, professora de *Film Studies* da Carleton University. Em *The new Latin American cinema: a continental project* ela explora os fundamentos estéticos e institucionais do novo cinema latino-americano e o seu papel como instrumento de mudanças sociais. Entre os filmes brasileiros estudados estão *Os fuzis* (Ruy Guerra, 1963), usado para discutir a memória popular e a presença do sertão no Cinema Novo; *Quilombo* (Cacá Diegues, 1984), um ensaio sobre a estética do carnaval; e *Gaijin, caminhos da liberdade* (Tizuka Yamasaki, 1980), uma reflexão sobre questões de imigração e identidade.



VICTOR JUCA

Já na Inglaterra as pesquisas abordando filmes brasileiros são bem mais recentes e seguem o caminho aberto pelo interesse despertado junto aos britânicos por filmes como *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998) e *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002). Entre os estudos publicados, dois livros são referências: *Popular cinema in Brazil* (2004) e *Brazilian national cinema* (2007). Ambos são assinados por Lisa Shaw, da University of Liverpool, e Stephanie Dennison, da University of Leeds. Nas duas obras, as autoras desenvolvem uma análise do cinema brasileiro e sua evolução a partir de um olhar que privilegia as relações do filme feito no Brasil com os gêneros populares de entretenimento como o teatro de revista, o carnaval, os programas de rádio e as comédias televisivas. Shaw realiza ainda pesquisas relacionadas com a música brasileira, e o seu trabalho mais recente é o livro *Carmen Miranda*, na coleção Film Stars, no qual ela mostra como a atriz brasileira subverteu os estereótipos sobre a América Latina.

Novos diretores, novas temáticas e **propostas estéticas renovadoras** começam a despontar, e a **expansão do número de críticos e pesquisadores interessados no cinema brasileiro demonstra sua vitalidade também no campo da reflexão teórica.**

Com o incremento da produção cinematográfica brasileira a partir da Retomada, os reflexos desta nova onda não serão apenas pela quantidade de filmes realizados. Novos diretores, novas temáticas e propostas estéticas renovadoras começam a despontar, e a expansão do número de críticos e pesquisadores interessados no cinema brasileiro demonstra sua vitalidade também no campo da reflexão teórica. Esta intensa movimentação certamente também romperá as fronteiras nacionais. A circulação internacional de filmes como *Tropa de elite* (José Padilha, 2007) e mais recentemente *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012), entre outros, está chamando a atenção da crítica estrangeira para o que está sendo feito no Brasil.

Se no campo acadêmico os estudos estrangeiros sobre o cinema brasileiro estão ainda muito relacionados ao Cinema Novo e seus herdeiros diretos, com este novo contexto do cinema no Brasil as linhas de pesquisa poderão mudar de direção, e novos e velhos brasilianistas passarão também a incorporar cada vez mais em seus projetos filmes produzidos fora do eixo Rio–São Paulo, decorrentes de outros fluxos culturais e abertos ao experimentalismo e à pesquisa formal. ■

Alexandre Figueirôa é crítico, pesquisador de cinema e professor da Universidade Católica de Pernambuco. Autor de *Cinema Novo, a onda do jovem cinema e sua recepção na França* (Papyrus, 2004).

Nota do Editor: Para uma exploração de outros pesquisadores interessados em cinema brasileiro, recomendamos o banco de dados constante no [blog conexoesitaucultural.org.br/parceiros](http://blog.conexoesitaucultural.org.br/parceiros). Na questão 11, escolha a pergunta “Tem algum tema de preferência?” e, entre as respostas, clique no item “Cinema”.